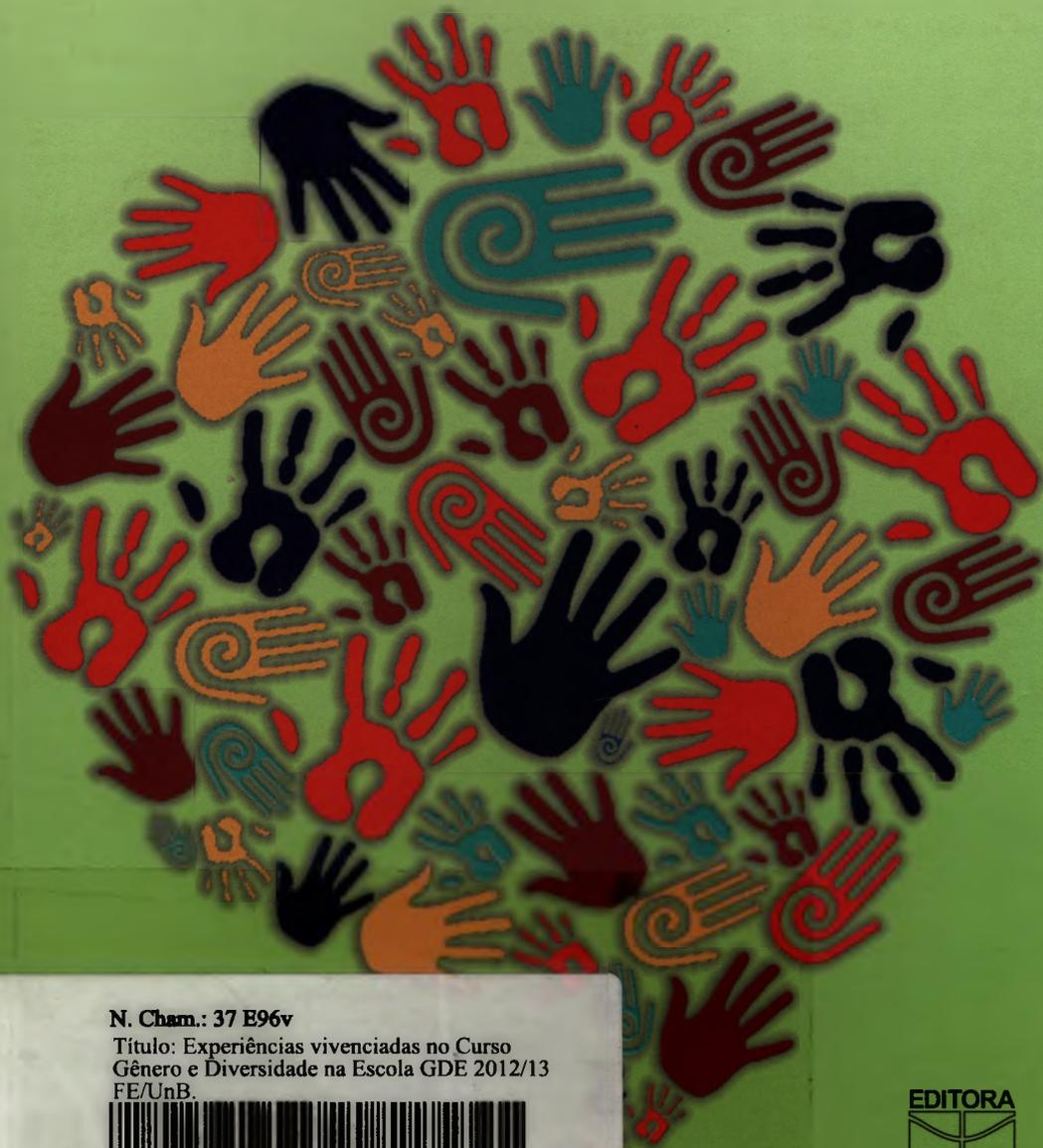


# Experiências Vivenciadas no Curso Gênero e Diversidade na Escola GDE 2012/13 FE/UnB



**N. Cham.: 37 E96v**

Título: Experiências vivenciadas no Curso  
Gênero e Diversidade na Escola GDE 2012/13  
FE/UnB.



10415011

Ac. 1024803

Ex.3 BCE

EDITORA  
  
UnB



**Profa. Dra. Iracilda Pimentel  
Carvalho**

Doutora em História pela Universidade de Brasília, Professora adjunto da área de História da Educação, Gênero e Educação da Universidade de Brasília. Coordenadora do Curso Gênero e Diversidade na Escola (SECADI/MEC) Especialista em Educação continuada e a Distância pela Universidade de Brasília. Pesquisa e atua nas seguintes temáticas: Gênero, Educação, Sexualidade e Raça; História de Brasília; Mulheres Rurais; Educação continuada e à Distância. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e de Gênero. - UNB - GEPHERG.

Experiências Vivenciadas no Curso  
Gênero e Diversidade na Escola  
GDE 2012/13 FE/UnB

## EQUIPE EDITORIAL

Gerência de produção editorial  
Projeto gráfico, diagramação  
e revisão

Marcus Polo Rocha Duarte

Gráfica Coronário

Copyright © 2014 by  
Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:  
Editora Universidade de Brasília

SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,  
2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF  
Telefone: (61) 3035-4200  
Fax (61) 3035-4230  
Site: [www.editora.unb.br](http://www.editora.unb.br)  
E-mail: [contato@editora.unb.br](mailto:contato@editora.unb.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

15.4

Universidade de Brasília
D.: Ed. U
Ex.: 10415011
Data: 13/01/16

APF

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

E96      Experiências vivenciadas no Curso Gênero e  
Diversidade na Escola GDE 2012/13 FE/UnB/ Iracilda Pimentel Carvalho,  
organizadora.  
- Brasília : Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2014.  
143 p. : il. ; 30 cm.

ISBN 978.85.230.1118-5

1. Diversidade. 2. Gênero. Educação. I. Carvalho, Iracilda Pimentel, organiza-  
dora.

CDU 37

Impresso no Brasil

Experiências Vivenciadas no Curso  
Gênero e Diversidade na Escola  
GDE 2012/13 FE/UnB



EDITORA  
  
UnB

Profa. Dra. Iracilda Pimentel Carvalho  
Organizadora

## EQUIPE EDITORIAL

Gerência de produção editorial  
Projeto gráfico, diagramação  
e revisão

Marcus Polo Rocha Duarte

Gráfica Coronário

Copyright © 2014 by  
Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:  
Editora Universidade de Brasília

SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,  
2ª andar, CEP 70302-907, Brasília, DF  
Telefone: (61) 3035-4200  
Fax (61) 3035-4230  
Site: [www.editora.unb.br](http://www.editora.unb.br)  
E-mail: [contato@editora.unb.br](mailto:contato@editora.unb.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

### Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

---

E96      Experiências vivenciadas no Curso Gênero e  
            Diversidade na Escola GDE 2012/13 FE/UnB/ Iracilda Pimentel Carvalho,  
            organizadora.  
            - Brasília : Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2014.  
            143 p. : il. ; 30 cm.

ISBN 978.85.230.1118-5

1. Diversidade. 2. Gênero. Educação. I. Carvalho, Iracilda Pimentel, organiza-  
dora.

CDU 37

# Sumário

---

Apresentação .....	7
Introdução .....	9
<i>Iracilda Pimentel Carvalho</i>	
Histórias possíveis: identidades e relações de gênero na escola .....	21
<i>Edilene Oliveira Silva</i>	
Sugestões de atividades e critérios de avaliação para a temática de Relações Étnico-raciais no contexto do curso Gênero e Diversidade na Escola - GDE .....	45
<i>Lucia Maria de Assunção Barbosa</i>	
Diversidade Sexual Políticas Públicas Educacionais para o Enfrentamento à Homofobia nas Escolas .....	61
<i>Prof. José Zuchinwshi</i>	
Gênero e Diversidade na Escola: as experiências, os imponderáveis e as aprendizagens com a tutoria .....	77
<i>Renata Nogueira da Silva</i>	
Percepções de Professores e Professoras da Rede Pública de Ensino do DF sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais: curso Gênero e Diversidade na Escola .....	93
<i>Ana José Marques</i>	
<i>Leila D'Arc</i>	
Reflexões sobre o Curso Gênero e Diversidade na escola no Distrito Federal .....	115
<i>Cláudia Denis Alves da Paz</i>	
Moodle no GDE: uma ferramenta indispensável .....	133
<i>Renato Aragão</i>	

# Gênero e Diversidade na Escola: as experiências, os imponderáveis e as aprendizagens com a tutoria

---

Renata Nogueira da Silva<sup>1</sup>

## Introdução

O objetivo desse artigo é refletir sobre a experiência da prática de tutoria no curso Gênero e Diversidade na Escola (GDE), na Universidade de Brasília (UnB), durante o ano de 2013, focando os processos de interação entre tutor/a e cursistas. O texto será dividido em duas partes. Na primeira seção, interpreto alguns cenários do curso GDE nos quais as atividades de tutoria ganham corpo e forma. Na segunda parte, analiso a organização dos fóruns e as respostas/argumentações dos/as cursistas diante das problemáticas colocadas.

O curso Gênero e Diversidade na Escola está presente em todas as regiões do país. Trata-se de uma proposta de formação a distância voltada exclusivamente para profissionais da educação básica. No caso de Brasília, tal formação coloca em relação professores/as da Secretaria de Educação/DF e da UnB, os/as quais assumem distintas funções dadas as circunstâncias do curso. As interações desses/as professores/as em tempos e espaços diversos, bem como a articulação de várias instâncias (UnB, Secretaria de Educação do DF e Governo Federal, por exemplo), têm possibilitado a formação con-

---

<sup>1</sup>Mestra em Antropologia Social (UnB), professora de Sociologia da Secretaria de Educação do DF, tutora do GDE/Brasília. [reerenogueira@yahoo.com.br](mailto:reerenogueira@yahoo.com.br).

tinuada de inúmeros professores/as nas temáticas de gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais.

No Brasil, o Moodle é a plataforma oficial para educação a distância homologada pelo MEC, e é nela que o curso GDE ocorre. O Moodle possibilita, entre outras coisas: o aprimoramento do conhecimento científico-tecnológico dos envolvidos e estimula a interação ativa de seus participantes. Nesse processo, cursistas, professores/as e tutores/as não são apenas usuários de tecnologia e/ou receptores de informações, mas sim produtores/as ativos de conhecimentos. O ambiente virtual torna-se um ambiente privilegiado de aprendizagem, no qual os saberes e conhecimentos produzidos, reproduzidos e colocados em circulação são acionados e interpretados de diferentes formas pelos participantes do curso.

Na modalidade de ensino a distância, o/a aluno/a e o/a cursista, no caso do GDE, têm à disposição diversas ferramentas tecnológicas que podem potencializar suas linguagens e ampliar seus instrumentos de comunicação. Vale lembrar que, de acordo com Lévy (1996), virtual é toda entidade ‘desterritorializada’ capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular” (p. 47). Para o autor, o virtual não está em oposição ao real e é o que existe em potência e não em ato. Nesse sentido, as experiências vividas, tanto no ambiente virtual quanto em momentos presenciais do curso, devem ser pensadas em suas capilaridades uma vez que reverberam em outros tempos e espaços.

Levando em consideração a dinâmica do curso GDE, sugiro pensá-lo como uma comunidade de trabalho e aprendizagem em rede (CTAR). Tal conceito foi proposto por um grupo de professores da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília que, há mais de quinze anos, atuam com as tecnologias de informação, comunicação e EaD. De acordo com esse grupo de pesquisadores, uma CTAR é orientada pelas seguintes premissas:

1 – a convicção em que uma educação tecnológica pode ser baseada no diálogo, em oposição à mera transmissão verti-

calizada e assimétrica de conteúdos e conhecimentos; 2 – a ação cooperativa e colaborativa entre os sujeitos deve prevalecer sobre a competição individualizada; 3 – a aprendizagem deve valorizar o trabalho reflexivo, em vez do simples acúmulo de informações; 4 – a comunicação em rede deve voltar-se para a convivência, em vez de levar ao isolamento no individualismo; e 5 – finalmente, a afirmação de uma educação a distância direcionada para uma ação transformadora, em vez de atividade meramente reprodutora de conhecimentos sem compromisso com a mudança da realidade dos educandos (PONTES, 2011, p. 20).

Considerando a perspectiva interativa e colaborativa que passa toda a proposta do curso GDE, é plausível pensá-lo como uma comunidade de trabalho de aprendizagem. E, nesse cenário, são dignas nota as atividades desempenhadas pelo tutor/a nesse processo. No ambiente virtual de aprendizagem do curso GDE, o/a tutor/a é um/a mediador/a que, entre outras coisas, procura aproximar o ensino da aprendizagem, bem como facilitar a criação de vínculos e a produção coletiva entre os envolvidos. As interações estabelecidas entre tutor/a e cursista são reconstruídas constantemente, dinamizando o processo de aprendizagem mediado pelo/a tutor/a (KONRATH, TAROUCO e BEHAR, 2009).

### **Cenários da tutoria**

A modalidade de educação a distância é efetivada através do uso intenso de tecnologias de informação e comunicação, podendo ou não apresentar momentos presenciais (MORAN, 2009). Nessa modalidade de ensino, os/as alunos/as – os/as cursistas, no nosso caso – têm autonomia na gestão do tempo e horário de estudo, habilidade que precisa ser construída e exercitada, já que fomos educados em formas ensinar e aprender.

Conforme sublinha Gadotti (2009), na educação a distância é imperativo que o/a aprendiz saiba o que quer e esteja motivado para

tal, pois o/a tutor/a apenas orienta o/a estudante, este/a tem participação ativa na sua própria formação.

No curso GDE, os/as cursistas são alocados em turmas e cada turma tem um/a tutor/a responsável. Os contatos iniciais entre tutor/a–cursistas e cursistas–cursistas são feitos no ambiente virtual. É importante ressaltar que, no decorrer do curso, encontros presenciais abrem ou encerram cada módulo de discussão nos quais professores/as–formadores/as, tutores/as, coordenação, supervisão e cursistas podem, entre outras coisas, resolver situações que estão impedindo o acesso dos cursistas ao ambiente virtual, interagir com os cursistas e tutores de outras turmas, conversar com os professores, discutir o andamento do curso, avaliar os fóruns e as atividades desenvolvidas até o momento.

As apresentações pessoais e a socialização das expectativas dos participantes geralmente compõem o fórum de apresentação. As respostas desse fórum são bem heterogêneas, alguns cursistas apon-tam seus anseios e perspectivas em relação às temáticas debatidas no curso de forma detalhada, outros são mais sucintos, e ainda há aqueles que apenas sinalizam suas experiências profissionais. A seguir algumas apresentações:

Sinto-me muito grata e privilegiada por participar deste curso. Sou professora da rede pública do DF há dez anos, mas atuo com público adolescente e jovem há quase 15 anos, fato que sempre permitiu me deparar com tantas situações de preconceitos, discriminações e injustiças de toda ordem. Ao longo do processo, entendi que muitas dessas situações eram oriundas de estereótipos socialmente estabelecidos e não questionados... Enfim, sempre fui muito questionadora e aqui estou para trazer minhas dúvidas, buscar vivências e trocar experiências que possam me enriquecer, além de diagnosticar e dirimir minhas próprias construções equivocadas.

(G. V., cursista do GDE 2013)

Sou V, tenho 35 anos e sou professora há 13. Atualmente, dou aulas no Centro de Ensino Y. Sou professora de Artes Visuais. Gosto de dar aulas, mas, diante de tantos entraves, às vezes desanimo e penso em mudar de profissão. Gosto muito de ter aulas também, de aprender, de ouvir outras opiniões, outras perspectivas e, por isso, me inscrevi neste curso. Quero fazer outra graduação ainda este ano. Tudo relacionado ao mundo das artes me interessa: artes visuais, música, literatura, cinema, dança, teatro... Durante o período do meu Bacharelado em Artes Plásticas na UnB, descobri os estudos feministas e as discussões de gênero e me interessei muito. Quando comecei a dar aulas, deixei os estudos da temática de lado e comecei a estudar mais e participar de cursos sobre as questões relacionadas a racismo, cultura africana e afro-brasileira. Com este curso, vi uma oportunidade de juntar tudo e continuar conhecendo mais, produzindo conhecimento e, sobretudo, melhorando minhas práticas em sala de aula. Tenho algum receio em relação a cursos a distância, pois prefiro as discussões cara a cara, porém, pretendo deixar este preconceito de lado e tirar o melhor proveito desta experiência.

(V. S., cursista do GDE 2013)

As motivações e as expectativas em relação ao curso são variadas e constituídas na interface dos interesses pessoais e profissionais. Além dos desafios impostos pela peculiaridade das temáticas do curso, é importante sublinhar que a educação a distância é para muitos/as cursistas uma experiência nova, e provoca inclusive inseguranças e medos.

Identificar os/as cursistas que não fizeram a apresentação e enviar mensagens incentivando a participação é uma tarefa fundamental para o desenvolvimento do curso. Não há um manual a ser seguido que garanta o sucesso da tutoria. Enviamos mensagens individuais, coletivas, planejamos atividades, mas não sabemos como as

atividades serão recebidas pelos/as cursistas. A tutoria é construída e reconstruída no decorrer do curso e à medida que os cursistas dão seus feedbacks. O/a tutor/a precisa atuar para que o maior número possível de cursistas seja conhecido e reconhecido no/pelo grupo como sujeitos que contribuirão nos processos coletivos de aprendizagem.

O curso GDE está organizado em quatro módulos temáticos: 1) Diversidade; 2) Relações Étnico-raciais; 3) Gênero; e 4) Sexualidade e Orientação Sexual. Cada módulo é debatido durante três semanas, com exceção do módulo Diversidade, e é composto por uma série de atividades organizadas a partir do livro-conteúdo do GDE e de outros materiais selecionados pelo grupo de professores/as-formadores/as em debate com os tutores, a supervisão e a coordenação. Cada módulo tem um professor/a-formador/a responsável. Tal professor/a orienta os/as tutores/as na condução dos fóruns, prepara as atividades do módulo e ministra a aula/êncontro na abertura ou fechamento do seu respectivo tema.

Semanalmente, são postados na plataforma vídeos e textos para subsidiar o debate e alimentar os fóruns de discussão e/ou as demais atividades solicitadas naquele período. A partir das atividades sugeridas ocorrem interações tanto entre os/as cursistas quanto entre o/a tutor/a e os/as cursistas. Nesse espaço de debate é possível identificar, entre outras coisas, as apropriações diferenciadas da leitura do material sugerido, bem como pertencimentos e visões de mundo distintas que entram em confronto no diálogo.

No caso do GDE, cabe destacar que estamos falando de um curso preparado por professores/as-formadores/as da UnB, mediado por professores/as-tutores/as da Secretaria de Educação e ministrado para professores/as-cursistas também da Secretaria de Educação. Esse cenário coloca em movimento professores/as de instituições distintas, com graduações diferenciadas, que na situação do curso assumem funções nomeadas de: professor/a, tutor/a ou cursista.

Na condição de professores/as-tutores/as no decorrer do curso, fomos criando estratégias de aproximação e intervenção. Estávamos entres pares, o que, por vezes, demandava um cuidado com a

escolha das palavras e, principalmente, traquejo e paciência nas situações conflituosas entre colegas que colocavam seus argumentos com muita veemência. Foi preciso observar com cautela como os cursistas se posicionavam nos fóruns, argumentavam ou silenciavam nos encontros presenciais e, dentro das possibilidades, dialogar levando em consideração as particularidades de cada cursista, ou pelo menos daqueles que permitiram os vínculos.

Os cursistas criaram maneiras distintas, a depender de seus interesses, tempo e até experiências regressas de interagir no ambiente virtual e nos encontros presenciais. Alguns participaram efetivamente nos encontros presenciais, debateram, demonstrando não só leitura como também reflexão crítica sobre as temáticas envolvidas, mas no ambiente virtual participavam de forma mais tímida. Outros, por sua vez, nos fóruns e no ambiente virtual de modo geral, discutiam, colocavam questões polêmicas, mas nos encontros presenciais ficavam mais calados.

Identificar as maneiras com as quais os cursistas se sentem mais confortáveis para participar e estimular o desenvolvimento de outras formas de interação e produção de conhecimento são atividades constantes da tutoria. O debate e a discussão dos/as cursistas entre si, tanto no ambiente virtual quanto nos encontros presenciais, são momentos importantes de aprendizagem nos quais os/as tutores/as operam como mediadores/as.

Atuar como mediador, tal como sublinha Pallof (2002), implica, entre outras coisas, facilitar esse diálogo sem dominá-lo, estar em igualdade de condições com os alunos, agindo apenas como um condutor do processo, o que significa uma nova função para muitos professores na condição de tutores.

### **Fóruns de discussão: conflitos, debates e aprendizagens**

O fórum de discussão é uma constante nas formas de registros e atividades avaliativas propostas no curso GDE. O fórum é uma ferramenta interativa que possibilita o diálogo assíncrono entre os diversos atores envolvidos no curso. Nesse espaço de in-

teração, os/as cursistas frequentemente acionam imagens, vídeos, textos acadêmicos ou jornalísticos com o intuito de dar legitimidade e sustentação aos seus argumentos. Com esses indicadores em mente, destaco a definição de fórum de discussão de Oliveira e Filho (2006):

(...) uma modalidade de conversação assíncrona, intencional, dirigida a uma finalidade pedagógica de construção/reconstrução de saberes, composta por segmentos interlocutivos que constituem, a um só tempo, objetos de leitura e indicadores da personalidade de seu locutor. (OLIVEIRA e FILHO, p. 2).

O fórum permite a comunicação sem a necessidade de conexão simultânea dos debatedores ao ambiente virtual. A esse respeito, Faria (2002) ressalta:

A relevância pedagógica do fórum é a de ser um espaço sempre aberto a trocas, para enviar e receber comunicações, em qualquer dia e horário, com possibilidade de comparar as opiniões emitidas, relê-las e acrescentar novos posicionamentos e, inclusive, armazenar/anexar documentos do Word, PowerPoint ou outros. Fórum é o lugar para fomentar debates, aprofundar ideias, lançando questões ou respondendo, estimulando a participação e o retorno dos alunos, ficando registradas nominalmente, datadas e visíveis, as contribuições de todos os participantes cadastrados (FARIA, 2002, p. 134 e 135).

O fórum é uma ferramenta que potencializa a produção colaborativa e dialógica, já que, ao responder às questões, espera-se que os cursistas leiam as contribuições postadas e dialogue com elas. As questões mobilizadoras dos fóruns devem fazer links entre as discussões teóricas do curso e aquelas do cotidiano dos cursistas, incentivando, assim, a reflexão sobre a realidade social e possíveis inter-

venções. A seguir, socializo perguntas norteadoras de um fórum de discussão do módulo Relações Étnico-raciais:

Dando continuidade ao nosso módulo Relações Étnico-raciais, queremos que vocês, com base na leitura dos textos propostos, discutam, neste fórum, os seguintes pontos:

1. De modo geral, como a sociedade lida com as desigualdades?
2. Quando falamos de desigualdade, estamos falando de justiça?
3. Qual a relação entre diferença e desigualdade?
4. Como os estereótipos afetam nossas visões de negros e indígenas na sociedade brasileira?
5. No que concerne à mudança de atitudes, como podemos inserir em nosso cotidiano e em nossas práticas sociais essa educação para as relações étnico-raciais?
6. Dê dois exemplos de ações que podem ser desenvolvidas, de forma permanente, na sua escola.

(Fórum para discussão – Desigualdade racial – Semana 4, GDE/2013)

Os cursistas são chamados a debater não só teoricamente sobre os estereótipos que afetam as concepções de negros e índios, mas também a vislumbrar ações que podem desembocar em mudanças de atitudes na escola. Por um lado, o curso GDE tem como proposta discutir com os cursistas noções introdutórias de raça, etnia, gênero, sexualidade e orientação sexual, e, por outro, incentiva ações interventivas tendo em vista a diminuição da discriminação e dos preconceitos na escola – e quiçá fora dela.

As perguntas desse fórum se prestam à reflexão sobre processos constitutivos das relações entre brancos/negros/índios na sociedade brasileira e, de forma mais apurada, na escola. Os cursistas se debruçaram sobre tais questões e construíram respostas distintas, a partir de suas trajetórias e da apropriação da literatura sugerida. As

participações são informadas por diferentes pertencimentos e orientações.

Há os que fazem uma reflexão histórico-social, refletindo sobre os processos pelos quais as diferenças de gênero e raça são transformadas em desigualdades:

A sociedade tem dificuldade de enxergar as diferenças de gênero e raça de um ponto de vista cultural e não apenas natural, o que explica a resistência da mesma às políticas de ação afirmativa feitas pelo Estado. Em nossa sociedade existem diferenças sociais e culturais entre negros/as e brancos/as, entre homens e mulheres; negar isso significa defender um ideal de igualdade ilusório ou, pior, em uma posição de má-fé, visto que igualdade é diferente de equidade. Os diferentes grupos sociais não estão em pé de igualdade. Sendo assim, o combate às desigualdades é uma questão de justiça com grupos que sempre foram historicamente discriminados. As desigualdades são produzidas, como mostrado no texto, não só por práticas discriminatórias entre indivíduos, mas por práticas coletivas e culturais através dos estereótipos. Através deles os grupos sociais são enquadrados em lugares de poder e de status, são produzidos (pré) conceitos relacionados à raça, gênero, orientação sexual e outros. Esses estereótipos são reproduzidos em nossas conversas, em programas de TV, na literatura, no cinema e em outros espaços (...).

(T. M.; cursista do GDE 2013)

Há os depoimentos confessionais que trazem à tona as experiências do dia a dia. No relato abaixo, a cursista responde às questões propostas a partir do seu lugar de negra. E é dessa posição que as relações entre diferença, desigualdade e injustiça são construídas pela cursista.

Todo santo dia, nós, negras e negros, temos que convencer o mundo que existimos. Porque desde que descobri-

ram o argumento da miscigenação – na hora que convém –, o utilizam para anular debates necessários. E digo que é na hora que convém porque quando utilizam nossa imagem para nos associar ao feio, ao sujo, ao crime etc., não há dúvidas. O mito da democracia racial inverte o problema racial para uma questão socioeconômica, como se a desigualdade somente fosse percebida quando se analisa a pobreza. Mas dentro da questão socioeconômica, é perceptível que, em número maior e abismático, tem um perfil humano que se destaca na pobreza. Para além disso, é preciso compreender que racismo tem relação com o capital, mas essa não é sua única vertente, porque ele age de acordo com o fênótipo. Não importa a descendência, o antepassado que se tem, a vítima de racismo tem cara e cor.

(D. D., cursista do GDE 2013)

Em poucas palavras, pode-se dizer que o objetivo do módulo *Relações Étnico-raciais* é provocar os cursistas, levando-os a compreender que identidades, diferenças e desigualdades étnico-raciais são construções histórico-culturais e que, portanto, estão sujeitas a transformações e reenquadramentos.

Os módulos são abertos com proposições bem definidas, a partir das quais o debate, os fóruns e as atividades são programadas. Na abertura do módulo já é indicado aos cursistas o que será debatido e em qual perspectiva os fenômenos serão enquadrados, conforme abaixo:

#### Módulo 4: Sexualidade e orientação sexual

A sexualidade como um fenômeno multifacetado, que envolve aspectos culturais, sociais, históricos e políticos, além das dimensões biológica e psicológica. Vamos refletir sobre a relação entre sexualidade e sociedade e discutir as convenções relativas ao corpo, à identidade de gênero e à orientação sexual, bem como à diversidade dos valores, comportamentos e identidades sexuais, segundo diferentes culturas, grupos sociais, contextos históricos e vivên-

cias pessoais (ver: <http://Moodle.fe.unb.br/course/view.php?id=4>).

A leitura dos textos sugeridos, bem como as aulas dos encontros presenciais são interpretados à luz das biografias de cada cursista. Cada um a seu modo se apropriou (ou não) dos conceitos e os colocou em seus cotidianos. O debate sobre sexualidade e orientação sexual foi o mais árduo, embora tenha ocorrido propositalmente no último módulo, numa tentativa de preparar o terreno para a discussão. Reconhecer que há outras formas de relacionamentos afetivos além do heterossexual desestabilizava modos de pensar e conceber o mundo tomados por muitos/as cursistas como verdades absolutas e incontestáveis. O debate nos fóruns diversas vezes evidenciava os juízos de valores:

O homossexualismo é entendido como errado pela maior parte dos/as educadores/as e da sociedade, e não é isso que traz penalidades e atitudes homofóbicas. O que precisa ser trabalhado é o respeito ao próximo; mudar o conceito de certo e errado da sociedade é utópico e perigoso. Na sociedade democrática há espaço para convivência de todas as convicções, sendo certo ou errado.

(C. J., cursista do GDE 2013)

A noção de respeito apareceu em várias situações. Entretanto, às vezes tal noção estava associada ao reconhecimento das diferenças e as possibilidades de experiências distintas vivenciadas em função dessas diferenças. Em muitos comentários, a frase “devemos respeitar” é usada como subterfúgio para evitar o debate e a própria complexidade das temáticas.

O fórum permite a utilização de outros recursos na elaboração das respostas e na interação com o grupo. Uma cursista, indignada com alguns comentários dos colegas que tendiam a naturalizar papéis de gênero, associando inclusive brincadeiras de meninas e brincadeiras de meninos, usa uma imagem para sustentar sua resposta.

## COMO DESCOBRIR SE UM BRINQUEDO É PARA MENINAS OU MENINOS.



(Fonte: Facebook.)

(V. S., cursista do GDE 2013)

Com essa imagem, a cursista reforça seus argumentos, coloca em interação palavras, cores, imagens e formas, provocando uma série de comentários e observações de outros cursistas. A imagem foi usada ao mesmo tempo para persuadir, já que havia comentários destoantes, e para sintetizar argumentos, uma vez que resume muitos dos comentários da cursista.

### Considerações finais

O fórum é uma tecnologia de discussão que possibilita o registro, comunicação e a circulação de respostas. As respostas e os comentários que os fórum geram criam produtos coletivos dotados de inúmeros significados, podendo ser usados e interpretados de diferentes maneiras. A comunicação assíncrona proporciona não só a criação de temas de discussões entre estudantes e professores/as, mas, sobretudo, a troca de sentidos construídos por cada um.

O diálogo no fórum pode ocorrer mediado por textos escritos, imagens, músicas e vídeos. A condição mais horizontalizada entre cursistas e tutores permite a produção de conhecimentos e aprendi-

zagens coletivas, possibilitando que os atores envolvidos no processo repensem suas práticas e projetem suas ações.

Um curso na modalidade a distância, tal como o GDE, tem o potencial reverberador, pois envolve professores/as de vários componentes curriculares, oriundos de diferentes Regionais de Ensino e com histórias de vida as mais diversas. As relações entre cursistas e tutores/as permitiram não só socializar conhecimentos relativos às temáticas do curso, mas também repensar nossas práticas docentes.

## Referências

ABREU, M. R. TELES, L. Capítulo 7: Tecnologias interativas na aprendizagem em redes sociais online, na ciberarte e na cidadania. In: SOUZA, A. M. de;

BARBOSA, J. S. D.; BATISTA, D. L. As mídias sociais na educação. V Colóquio Internacional. "Educação e contemporaneidade". Sergipe, Set/2011

GRUPO CTAR. Outra educação a distância é possível – Comunidade de trabalho/aprendizagem em rede (CTAR). Anais do V Encontro Internacional Virtual Educa – Forum universal de las culturas. Barcelona, 16 a 18 de junho de 2004. CDROM [www.virtualeduca.org](http://www.virtualeduca.org).

FARIA, Elaine Turk. Interatividade e mediação pedagógica em educação a distância, 2002.

LEVY, Pierre. O que é o virtual?. São Paulo, Editora 34, 1999.

OLIVEIRA, Sheila da Costa; FILHO, Gentil José de Lucena. Animação de fóruns virtuais de discussão – Novo caminho para a aprendizagem em EAD via web. RENOTE, v. 4, nº 2, dezembro de 2006.

PALLOF, R. & PRATT, K. Construindo comunidades de aprendizagens no ciberespaço. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 141-157.

PONTES, E. B. A Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede (CTAR) na Faculdade de Educação da UnB. In: SOUSA, A. M. de; FIORENTINI, L. M. R. e RODRIGUES, M. A. (orgs.). Educação superior a distância: Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede (CTAR). Brasília: UnB, 2010.

KONRATH, Mary Lúcia Pedroso; TAROUCO, Liane Margarida R.; BEHAR, Patrícia Alejandra. Competências: desafios para alunos, tutores e professores da EaD. RENOTE: Revista Novas Tecnologias.

**Edlene Oliveira Silva**

Doutora em História pela Universidade de Brasília e professora adjunta na área de Teoria e Metodologia do Ensino de História da Universidade de Brasília. Coordenadora do LABEH (Laboratório de Ensino de História da UnB).

**Lucia Maria de Assunção Barbosa**

Professora de Português para Estrangeiros, do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET). Sou líder do grupo de pesquisa (CnPq) "Língua, Cultura, Representação" e é nesses três eixos que inclui estudos relacionados à educação para as relações étnico-raciais. Fiz mestrado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, na UNESP (SP) e o doutorado em Estudos Portugueses, Brasileiros e da África Lusofônica, na Universidade Paris VIII (França). Oriento mestrando(as) e doutorando(as) em dois Programas de Pós-Graduação (UnB e UFSCar).

**Prof. José Zuchiwschi**

Professor Adjunto II do Departamento de Teoria e Fundamentos - TEF, Faculdade de Educação - FE, da Universidade de Brasília - UnB. É membro das áreas de pesquisas em Educação Ambiental e Ecologia Humana, Multiculturalismo e Saberes. Concluiu o doutorado em Antropologia Cultural pela Universidade de Brasília - UnB (1998).

**Renata Nogueira da Silva**

Mestra em Antropologia Social (UnB), Professora de Sociologia da Secretaria de Educação DF, tutora do GDE/Brasília.

**Ana José Marques**

Licenciada em História e mestre em Políticas Públicas e Gestão da Educação pela Universidade de Brasília - UnB.

**Lella D'Arc**

Professora de séries iniciais com formação de curso normal, licenciada em educação Profissional e mestre em Políticas Públicas e Gestão da Educação pela Universidade Brasília - UnB.

**Cláudia Denis Alves da Paz**

Doutoranda em Educação - Faculdade de Educação/UNB; Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

**Renato Aragão**

Graduado em Gestão da Tecnologia da Informação. Atua na área de Gestão de T.I em ambientes acadêmicos. Lidera projetos de sistemas para a otimização do ambiente de ensino-aprendizagem. Estuda os impactos da aplicação das boas práticas de T.I no ambiente educacional.

ISBN 978-85-230-1118-5



9 788523 011185



**Universidade de Brasília**  
Faculdade de Educação

Secretaria de Educação Continuada,  
Alfabetização, Diversidade e Inclusão

